

12ª edição

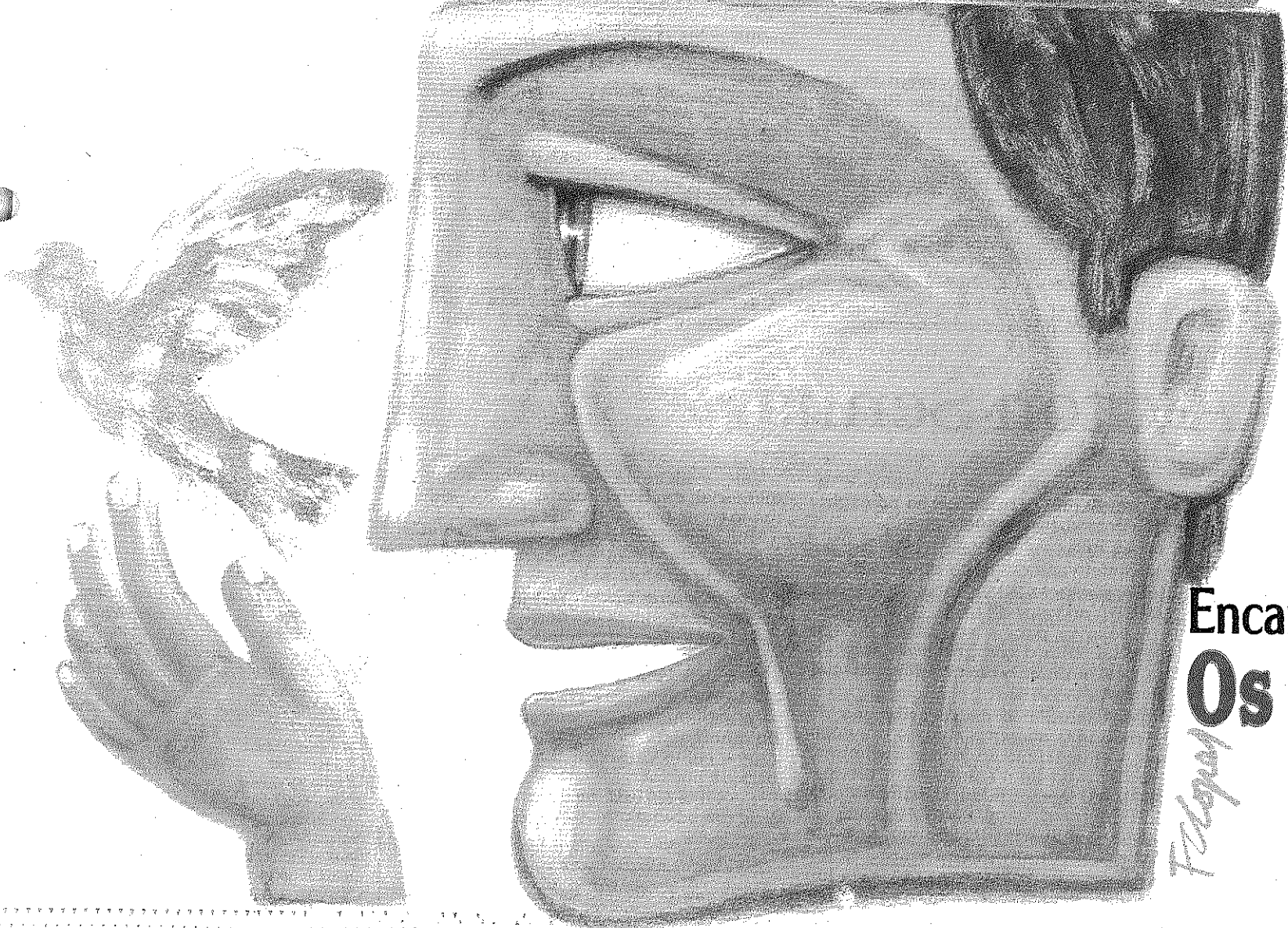
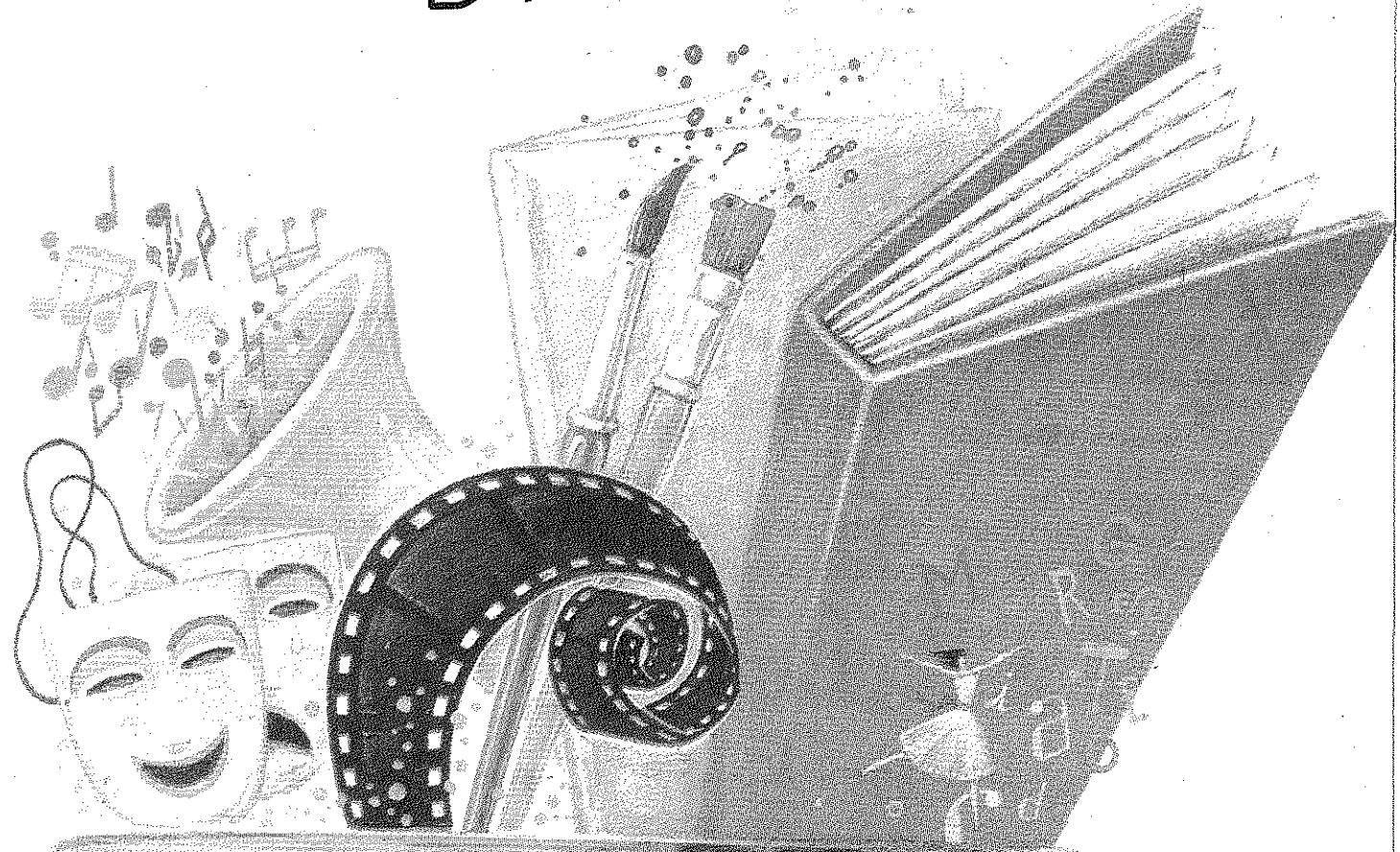
DF
L E T R A S
D I



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL ANO I Nº 12 Brasília, 30 de junho de 1994

**Idéias,
Imagens,
palavras**



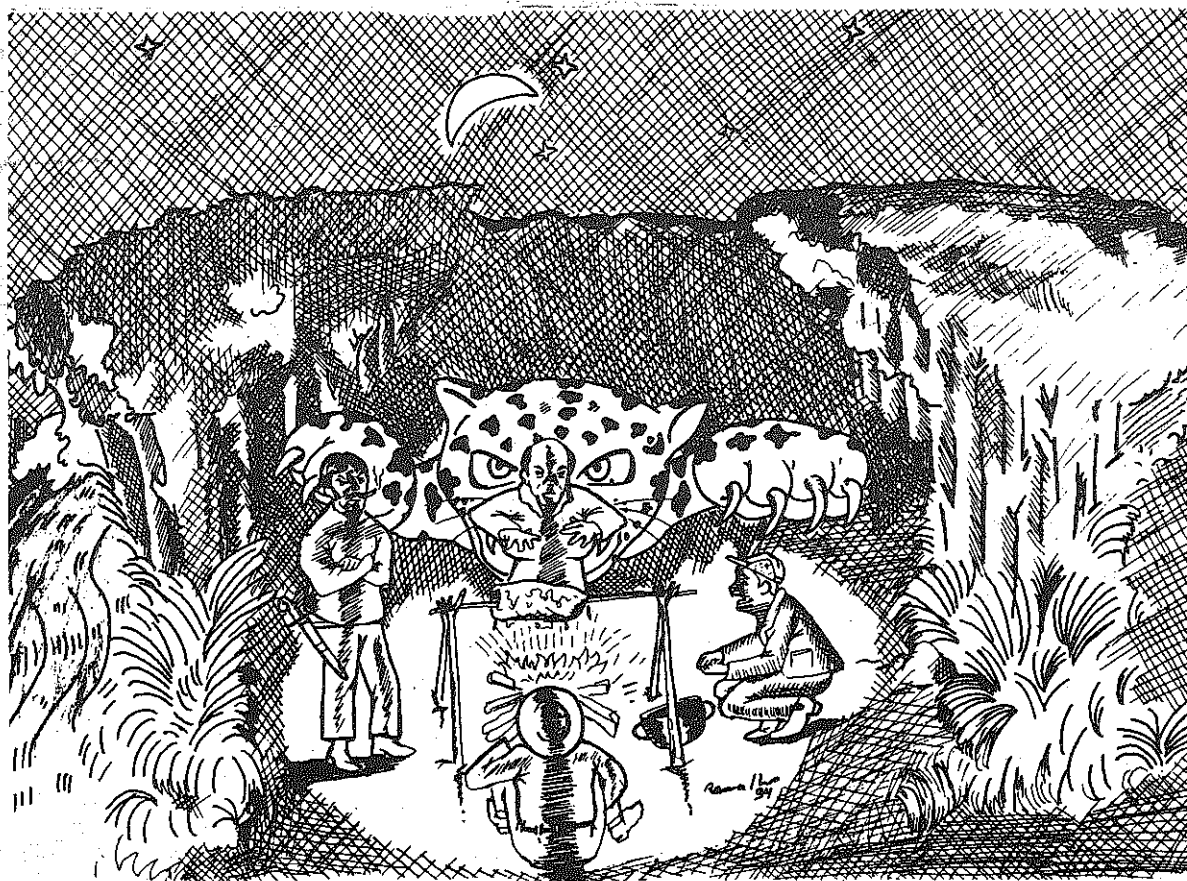
Encarte especial
Os poetas

Filipe

Tem o caso dos quatro amigos que se encontraram numa boca de noite no recanto da floresta. Estavam ao redor do fogo que crepitava sob a panela tisonada dos anos, enquanto se assava nos espetos um quarto de paca que haviam abatido de tocaia nessa madrugada. Ajeitando sempre os tições de boa madeira, cuidados em preparar a caráter o pequeno pernil do delicioso roedor silvestre.

A fumacinha que subia lentamente da cozinha em direção ao céu era um sinal evidente da presença humana nas profundezas da mata. Escutavam os últimos gorjeios do sabiá que fazia tenção de se recolher ao ninho nas frondes da sucupira. Dentro de pouco o bacurau começaria a cantar no aceiro da roça e a largatixa brava a espoucar a goela no buraco do galho seco tombado ao solo úmido. O ventinho fresco penteava a folhagem e o risco gorgolejava melancólico na pequena cachoeira de pedras.

Os velhos companheiros se espreguiçavam molemente, gozando o descanso merecido que se seguia às árduas tarefas de romper mato para armar os trabucos nas trilhas dos bichos, além das redes de malha que atravessavam o rio Mangabeiras em diversos trechos. Dois goles de pinga compunham obrigatoriamente o cenário campestre, o melhor remédio para relaxar os músculos fatigados. Estavam todos imbuídos da importância da missão que programaram durante o mês inteiro, já que pretendiam tirar o



Conversa ao Pé do Fogo

□ Valtér Pedrosa

melhor proveito da visita ao pedaço de floresta de propriedade do conhecido fazendeiro Toninho Ferreira. Não seria à toa que tinham viajado mais de quatro léguas na chebeca de João Fernandes até aquele pé de gruta isolado, onde

nem estrada havia.

Enquanto Manoel Pereira se encarregava de coar o café para rebater a janta, Antônio Benedito se espiçava na tipóia de varanda que balançava entre dois troncos. José Anacleto tinha ido lavar os pratos pa-

ra a ceia nas águas límpidas do regato. Ao tempo em que João Fernandes observava o movimento do grupo baforando o cigarriño aboletado no pequeno tamborete que sempre o acompanhava nessas caçadas.

Na hora da refeição cada qual serviu-se à vontade, cortando cerimoniosamente os nacos de carne da paca, a primeira que morrera na esparrela. Todos sabiam que se tratava de coisa papafina, era preciso jeito e ambiente para ser saboreada. Mais o arroz e as fatias de abóbora que tinham colhido na plantação do caboclo Miguel, gente boa.

Saciados os caçadores, deram garra dos canecos para degustar o café fumegante, tão forte que se poderia cortar de facão. Manoel Pereira, que era o mais velho do grupo, achou-se no dever de incitar os demais a relatarem os casos e aventuras acontecidos nesses matos. A noite apenas começava e se dispunha de muito tempo até a hora do sono pesado nas redes de dormir.

Antônio Benedito pegou o pião na unha e danou-se a contar bravatas e incidentes, dos quais dizia ter participado pessoalmente. Os três camaradas o ouviam em silêncio, sabendo todos que ele devia ter exagerado na dose de cachaça, como de costume. Tudo bem, consideravam entre si, ninguém estava ali para censurar qualquer pessoa e nem ensinar aos homens as regras do bem-viver. Benedito encerrou a chorumela com nova lapada da garrafa, sob a desculpa de que o café poderia lhe tirar o sono mais tarde.

José Anacleto, vendo que os colegas deixavam a conversa esmorecer, levantou o assunto e botou a



**Tadeu
Roriz - PP**

Descontos para os idosos

"A cultura ao alcance de todos". Por acreditar realmente nesse preceito é que apresentei Projeto de Lei, na Câmara Legislativa, para que os idosos residentes no Distrito Federal possam ser beneficiados com o mesmo desconto, de 50 por cento, concedido aos estudantes, na compra de ingressos para eventos artísticos, culturais e esportivos realizados na cidade.

Essa Proposição tem amparo legal no Artigo 230 da Constituição Federal, que diz: A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas,

assegurando sua participação na comunidade; defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida. Infelizmente, os idosos, depois de tanto trabalhar e contribuir, durante anos, para o desenvolvimento do nosso País, não têm sequer o direito de frequentar um bom teatro, cinema ou qualquer outro tipo de espetáculo, pois as aposentadorias pagas pelo Sistema Previdenciário Nacional são, na sua grande maioria, irrisórias, mal dando para a subsistência. Sendo a cultura fundamental não somente como

diversão, mas principalmente como fator de convívio social, acredito que a proposta, se aprovada, permitirá o reingresso dos idosos na sociedade. Em vários países desenvolvidos, esse desconto é obrigatório e, em algumas casas de espetáculo internacionais, o abatimento é progressivo não só para os idosos, mas para o público em geral, incentivando, ao mesmo tempo, o retorno da pessoa, o crescimento da cultura e o barateamento dos ingressos.

sua banca. Falou novamente naquela caçada da serra do Bamburral, na qual dizia que haviam matados dois veados e três cotias, a maior farra de que ele se lembrava. Também foi só, nunca mais tinha feito nada que prestasse. Talvez que desta vez...

Manoel Pereira, percebendo o ar distante que aparentava João Fernandes, teve de intervir para dissertar sobre uma pescaria que fizera no rio Jacarecica, quando soltou uma dinamite no fundo do poço e matou mais de cinquenta quilos de peixe. Recapitulava aos companheiros a estória e dava ênfase ao momento mais emocionante, quando teve de se jogar dentro das águas para abufelar o enorme camorim, que até pensava fosse um jacaré. Como prova dessa pescaria levantava a camisa e mostrava uma marca de rasgão na barriga, bem na cintura, resultado da barbatana do robalo que ainda estava meio vivo.

Fez-se uma pausa para nova rodada de café, dando-se tempo à esperada anedota de João Fernandes, como sempre acontecia. O companheiro era sonso, ficava na dele, puxando a fumaça do cigarinho. Até que os amigos resolveram espicaçá-lo para que dissesse qualquer besteira, tudo servia.

João Fernandes coçou a orelha, olhou para o céu estrelado, jogou longe a ponta de cigarro e iniciou a relatar suas peripécias, quase sempre sem pé nem cabeça, por isso mesmo mais engraçadas.

Disse que um dia destes estava caçando para os lados da mata da Sumaúma, que vocês sabem que era fechada de não passar nem



Manoel Pereira
1994

raio de sol. Andava atrás de um bando de guaribas, que todos garantiam estar estragando as roças de milho do Pilar, ali perto.

O diabo foi que desgarrou-se dos companheiros, gastara a maioria dos cartuchos em papagaios e jacus, indo dar em uma gruta funda trilhada de rastro de caititu, que parecia boa demais para uma tocaia. O problema foi que dispunha apenas do tiro que estava engatilhado na arma, que guardava para uma feliz eventualidade. Enquanto buscava o caminho mais

curto para regressar ao acampamento no aceiro da floresta.

Nisso, deparou-se com a onça preta que estava no rastro dos porcos do mato. João Fernandes mais que depressa escondeu-se por trás do tronco de jatobá,

apontou a espingarda entre os dois olhos do perigo-felino e despejou a carga de bala por entre os chifres da fera.

Para cúmulo do azar, percebej que as pelotas de chumbo haviam resvalado sobre o lombo da bichona, no momento em que ela baixara a cabeça em puro instinto de defesa. Pres-

sentindo que a pantera logo o atacaria, fez-se na perna para que te quero. Corria feito um condenado, o animal nos calcanhares. Conseguiu subir na árvore ramalhuda que surgiu a cavaleiro, a bicha pega-não-pegas. Despencou lá de cima, vadeou o riacho da Barra, a onça na mesma pisada.

De repente lhe apareceu o lajedo e ele calculou que seria a salvação do perigo, não aguentava mais de cansado. Imaginou que dentro daquelas cavernas deveria haver uma boa furna onde pudesse esconder-se e livrar-se da morte certa. Embarafustou ali por dentro, entrou por uma abertura entre duas rochas e descobriu apavorado que estava em um beco sem saída.

João Fernandes saltou do tamborete, pegou a caneca de plástico e foi tomar um gole de café. Os companheiros o seguiam de olhos acesos, sabiam que esse negócio de onça no mato não era brincadeira e ficaram ansiosos pelo desenlace da aventura.

O protagonista nem se dava por ela. Os demais supunham que o companheiro havia feito uma pausa para tomar fôlego e molhar a garganta, a carreira na frente da fera o enfadara. Viram João Fernandes puxar outro cigarinho e tragar a fumaça vagarosamente, como quem pretendia começar a soneca.

Tiveram de o interromper, tudo indicava que faltava algum pedaço nessa estória.

— E o que aconteceu, afinal?

João Fernandes espiou para os três companheiros a fisionomia mais desinteressada do mundo.

— Ora, eu fui comido pela onça.

Os três amigos ficaram com cara de besta, resmungando que nunca tinham ouvido um relato mais sem graça.



■ Valtor Pedrosa de Amorim, Engenheiro Sanitarista e Escritor, com 10 livros publicados. Vive em Brasília desde janeiro de 1973.